

A construção discursiva de Macbeth e Lady Macbeth sob a perspectiva da linguística sistêmico-funcional na peça de Shakespeare: contribuições para o ensino/aprendizagem de língua inglesa

Odete Firmino Alhadadas Salgado – PUC-RIO/CNPq

Renan Silva da Piedade – PUC-RIO/CAPES

Hugo Taam Dart – PUC-RIO/IBEU

Amanda Fiorani Barreto – PUC-RIO

Resumo

Este trabalho tem por objetivo investigar a construção de sentidos no discurso literário de Macbeth e Lady Macbeth na tragédia homônima de William Shakespeare, buscando ressaltar as contribuições da análise para o ensino/aprendizagem de Língua Inglesa. Para tanto, tomamos por base a perspectiva sociossemiótica de linguagem proposta por Halliday e Matthiessen (2004), especialmente a análise dos recursos avaliativos (MARTIN e WHITE, 2005), em interface com a proposta de letramento literário de Cosson (2014). O corpus consiste de trechos avaliativos da obra, na tradução de Manuel Bandeira (1989), com o intuito de proporcionarmos aos aprendizes de LI um processo de ensino/aprendizagem focado não apenas na análise da materialidade linguística, isto é, do texto, como também nas possíveis manifestações literárias da língua em questão. Os resultados indicam que um trabalho desta natureza pode levar o aluno a um letramento literário e linguístico sendo, portanto, um letramento mais amplo.

Palavras-chave: Macbeth. Lady Macbeth. Shakespeare. Análise do Discurso Literário. Linguística Sistêmico-Funcional.

Abstract

This article aims to investigate the construction of meanings in the literary discourse of Macbeth and Lady Macbeth in the homonymous tragedy of William Shakespeare. It highlights the contributions of the analysis to the teaching/learning of the English Language. In doing so, we adopt the socio-semiotic perspective of language proposed by Halliday and Matthiessen (2004), especially the analysis of the evaluative resources (MARTIN and WHITE, 2005), in interface with Cosson's (2014) literary literacy proposal. The corpus consists of evaluation sections found in the translation of Manuel Bandeira (1989). The purpose of the study is to provide English language learners with a teaching/learning process focused not only on the analysis of linguistic materiality, but also on the possible literary manifestations of the language. The results indicate that such an approach can lead the student to a literary and linguistic literacy and, therefore, to a broader literacy.

Keywords: Macbeth. Lady Macbeth. Shakespeare. Literary Discourse Analysis. Systemic Functional Linguistics.

INTRODUÇÃO

O ensino de literatura, geralmente, se pauta em um ensino histórico e cronológico de escolas literárias que não atende a uma formação de leitores para um letramento literário, que seria o processo de letramento que se faz via obras literárias, compreendendo sua dimensão social, de forma a assegurar seu efetivo domínio (COSSON, 2014). Compreendemos, assim como Cosson (2014), que a literatura é uma prática e um discurso¹, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Segundo Cosson (2014, p. 47), cabe ao professor despertar e fortalecer essa dimensão crítica e reflexiva, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários para um letramento literário.

No âmbito do ensino de língua inglesa, encontramos outra problemática, pois o texto literário mal aparece. Os alunos se sentem, em geral, desmotivados em relação à leitura, pois os textos são utilizados apenas como pretexto para desenvolver algum tópico gramatical, e boa parte das atividades de escrita se limitam à resolução de questões que quase sempre não necessitam de grande reflexão para serem respondidas (POLIDÓRO e VIEIRA, 2016, p. 81). Segundo Polidoro (2004, p. 46 apud POLIDÓRO e VIEIRA, 2016, p. 82), os textos literários, quando bem escolhidos e trabalhados em sala, podem promover uma oportunidade para discutir aspectos da vida social, o que pode contribuir para uma maior compreensão do mundo do próprio estudante e, também acrescentamos, um maior entendimento do próprio texto.

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo investigar a construção de sentidos no discurso literário de *Lady Macbeth* e *Macbeth* na tragédia homônima de William Shakespeare, buscando ressaltar as contribuições da análise para o ensino/aprendizagem de língua inglesa. Optamos trabalhar com *Macbeth* por ser uma das peças mais famosas do autor, se tornando um clássico da literatura inglesa, e por tratar de temas cotidianos, como a ambição e a traição. Também escolhemos trabalhar com o texto em português, visto que acreditamos na tradução como possibilidade de acesso a textos escritos originalmente em língua inglesa e à cultura e sociedade descritas na obra. O mais

¹ Compreender a obra literária como discurso significa, neste contexto, considerar que o texto é uma produção de significados que abrange questões ideológicas, contextuais e a própria materialidade do texto literário do autor, ou seja, o discurso literário é uma prática social que constrói representações e relações em uma mensagem textualmente organizada.

importante, ao pensar nesta análise como proposta para o ensino/aprendizagem de língua inglesa, é despertar o aluno para o prazer da leitura ao promover o contato com a literatura.

De acordo com Polidoro (2004, p. 51 apud POLIDÓRO e VIEIRA, 2016, p. 82), os textos literários são exemplos reais da linguagem, não sendo produzidos com o propósito de ensinar algo, mas, ao contrário, porque o autor quis mostrar ou comunicar algo. Quando produz sentidos em sua obra literária, o escritor materializa experiências e relações que são compartilhadas com o leitor. Dessa forma, compreendendo a literatura como uma linguagem, Halliday (2002 [1972], p. 5), no âmbito dos estudos da linguagem, mostra que é parte da tarefa de um linguista descrever textos; e todos os textos, incluindo aqueles em prosa e verso, que abrangem qualquer definição de “literatura”. Para o autor (HALLIDAY, 2002 [1972], p. 5), os textos literários estão acessíveis para a análise pelos métodos dos linguistas.

O texto é a materialização das escolhas de um escritor/tradutor a partir de uma gama de recursos a sua disposição. Sendo assim, a perspectiva sociosemiótica da Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF, mostra-se, portanto, como suporte teórico adequado (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, 2004). Sendo assim, de forma mais específica, o objetivo deste estudo é analisar a (re)construção dos personagens ao longo da obra e entender como os recursos linguísticos avaliativos constroem significados no texto.

Este trabalho se insere no âmbito do grupo de pesquisa Análise Literária e Sistêmico Funcional/CNPq, que tem como objetivo a análise de textos literários sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, com foco em diferentes gêneros da literatura clássica e contemporânea, em língua portuguesa e língua inglesa. Baseadas em um olhar teórico-reflexivo, as pesquisas buscam contribuir para o entendimento crítico dos textos literários analisados e para uma pedagogia de ensino que proporcione o letramento literário crítico.

Ainda, esta análise se inclui no projeto “Construindo elos: o texto literário no ensino/aprendizagem de línguas.” Esse projeto, ainda em andamento, se propõe a criar oportunidades para o ensino/aprendizagem de línguas, tendo como ponto de partida textos de diferentes gêneros literários. Portanto, seu enfoque está no texto literário levando-se em consideração: (i) a análise dos sentidos literários, (ii) a construção linguística desses sentidos, (iii) a ligação de ambos os focos e suas contribuições para o ensino/aprendizagem de línguas. Sendo assim, na próxima seção apresentamos o

contexto em que a obra *Macbeth* foi produzida, o que é essencial para uma compreensão mais aprofundada da obra. Em seguida, passamos à arquitetura teórica que fundamenta este trabalho. Na terceira seção, continuamos com a metodologia utilizada e a análise dos dados. Finalmente, nas considerações finais, discutimos a aplicação deste trabalho no âmbito pedagógico como sugestão de trabalho com o texto literário no ensino/aprendizagem de língua inglesa.

O CONTEXTO DA OBRA “MACBETH”

Amplamente considerado um dos maiores escritores e dramaturgos da língua inglesa, William Shakespeare (1564-1616) escreveu *Macbeth* por volta de 1606, na parte final de sua carreira. A peça é, possivelmente, uma homenagem ao Rei James I (anteriormente James VI da Escócia), que assumiu o trono inglês em 1603 e se tornou patrono da companhia teatral à qual Shakespeare pertencia (ASIMOV, 1970, p.149). Única obra conhecida de Shakespeare em que a ação se passa majoritariamente na Escócia, tem como literal ponto de partida a bruxaria, que sempre estivera entre as grandes preocupações do rei (BURGESS, 1970, p. 201).

Macbeth é a mais curta das tragédias de Shakespeare, que dramatizou e adaptou livremente uma série de eventos do século XI, relatados nos textos históricos de Ralph Holinshed e outros autores (SHAKESPEARE, 1994). O personagem-título é um bravo general escocês que ouve de três bruxas a profecia de que se tornará rei. Encorajado por sua esposa, *Macbeth* mata o Rei Duncan e passa a perseguir todos que vê como possíveis ameaças à sua permanência no trono. Por fim, Lady *Macbeth* enlouquece, consumida pela culpa, e acaba por se suicidar, enquanto seu marido, cada vez mais paranoico e tirânico, enfrenta uma rebelião liderada pelo filho de Duncan e acaba morrendo em batalha.

O provável momento histórico em que Shakespeare escreveu a peça era de relações delicadas entre a Inglaterra e a Escócia. Pessoalmente impopular, James I pretendia unir os dois reinos, mas encontrava severa oposição entre os protestantes ingleses (CLARK e MASON, 2015, pp. 25-26). Ainda assim, em contraste com dramaturgos contemporâneos seus, Shakespeare não retrata os escoceses de forma manifestamente negativa. A maneira como apresenta as questões centrais de sua peça parecem corresponder às preocupações de seu patrono real, embora a dramaturgia

shakespeariana tenha como uma de suas características a capacidade de apresentar pontos de vista opostos de forma não contraditória (ibidem, p. 28).

Por exemplo, o crime a partir do qual Macbeth e Lady Macbeth iniciam sua jornada ruínosa é apresentado por Shakespeare como sendo particularmente terrível, o que pode ser justificado pelo apego de James I à doutrina do direito divino dos reis. Havendo ascendido ao trono inglês numa época de grande turbulência política e religiosa, na qual sua própria mãe fora executada, James estaria bastante sensível ao tema de regicídio (ASIMOV, 1970, pp. 164-165), especialmente após a Conspiração da Pólvora de 1605. Assim, para o casal Macbeth shakespeariano – muito mais do que para os Macbeth históricos do século XI, quando o rei era apenas o *primus inter pares* – assassinar o rei representaria uma subversão da ordem natural (BURGESS, 1970, p. 204).

A decisão de assassinar o rei, quando finalmente tomada, coloca o casal Macbeth numa espiral trágica da qual eles não têm chance de escapar. Os leitores e o público da peça acompanham a rápida transformação daquele que já foi classificado como ‘o mais feliz casal casado em toda a obra de Shakespeare’ (Bloom, 1998, p. 518) em arquétipos de ambição, crueldade e culpa. As palavras de Shakespeare, aqui apresentadas na tradução consagrada de Manuel Bandeira, deverão revelar essa trajetória. Dessa forma, na próxima seção, realizamos uma breve apresentação de nosso embasamento teórico que se dá a partir de uma perspectiva sociosemiótica de linguagem.

LINGUÍSTICA SISTÊMICO FUNCIONAL

Em linhas gerais, a LSF, desenvolvida pioneiramente pelo linguista inglês Michael A. K. Halliday e seus colegas (cf. HALLIDAY; HASAN, 1989; EGGINS, 1994; THOMPSON, 2003; MARTIN; ROSE, 2003; MARTIN; WHITE, 2005), é uma teoria da linguagem que busca olhar para os mais variados textos tendo como foco os significados criados pelos mesmos. Nesse sentido, há um interesse pela linguagem enquanto meio de interação entre falantes, ou seja, estamos diante de um campo de estudos de base social.

As pesquisas em LSF investigam basicamente como a linguagem é usada, uma vez que qualquer elocução, seja ela escrita e/ou falada, está inserida em um contexto de

uso. Em outras palavras: a linguagem, não possui um caráter arbitrário. Pode-se dizer que ela serve para atender às necessidades dos falantes, pois, ao nos comunicarmos no aqui e no agora, ela se torna uma ferramenta através da qual interagimos uns com os outros e, conseqüentemente, construímos significados.

Vale dizer que, sob o olhar da LSF, não existe língua desconectada do uso, isto é, a linguagem é social e ela só ocorre se estiver imbricada na sociedade. Assim, essa abordagem possui um caráter necessariamente funcional, afastando-se de uma linguagem idealizada, desprovida de aplicação social.

Ademais, existem dois conceitos primordiais que devem ser considerados ao analisamos qualquer texto pelo viés da LSF: contexto de cultura e contexto de situação. O primeiro está relacionado com a forma como diferentes culturas usam a linguagem (formas de tratamento, expressão de emoções, discurso acadêmico, entre outros). Nessa perspectiva, acredita-se que qualquer tipo de interação linguística não engloba somente sons e sinais. Pelo contrário: nas diferentes interações, estão em jogo todo o contexto histórico de uma dada comunidade, bem como a cultura dos participantes. O segundo diz respeito às particularidades vistas como intrinsecamente significativas para a interação. Abarca todas as motivações – coisas, pessoas e eventos – pertinentes para a criação e/ou interpretação de textos. Corresponde, também, às características extralinguísticas de um texto, ou seja, como/quando/por que dizemos o que dizemos. Ainda sobre o contexto de situação, vale ressaltar que, segundo Halliday e Hasan (1989), ele se divide em três elementos: campo (o que está ocorrendo na interação), relações (quem são os participantes da interação) e modo (qual é a organização simbólica da interação).

A partir dos estudos produzidos por Halliday e seus colegas supracitados, é possível referir-se à Linguística Sistêmico-Funcional como uma teoria linguística de base semântica e funcional que nos permite analisar textos e seus contextos de uso. Enquanto campo do saber que demanda de nós, pesquisadores, uma postura interpretativa e descritiva, a LSF enxerga a linguagem como um recurso (re)criador de sentidos.

SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

O Sistema de Avaliatividade, desenvolvido a partir da LSF (HALLIDAY, 1994), é uma abordagem cujo foco é sistematizar e investigar os significados interpessoais em

diferentes textos. Mais especificamente, este sistema examina como os falantes expressam sentimentos, como os amplificam e como incorporam a voz do outro em suas elocuições (Martin & Rose, 2003; Martin & White, 2005). Os principais subsistemas do sistema de avaliatividade são: ATITUDE, GRADAÇÃO e ENGAJAMENTO.

A ATITUDE refere-se aos recursos usados para negociar sentimentos, julgar o caráter e comportamento das pessoas e apreciar o valor das coisas. A GRADAÇÃO é um recurso gramatical e lexical utilizado para situar os fenômenos de acordo com o grau que ocorrem. O ENGAJAMENTO refere-se ao conjunto de recursos apontados pelos falantes (projeção, modalidade, polaridade e vários advérbios) em relação aos seus próprios enunciados, bem como aos de outros participantes da interação.

Devido a restrições de tempo e espaço, neste trabalho, utilizaremos como recurso analítico apenas o subsistema de ATITUDE, que diz respeito à maneira com a qual os falantes expressam sentimentos positivos e negativos na interpretação de três domínios semânticos principais, a saber: AFETO, JULGAMENTO e APRECIÇÃO. Como o termo sugere, AFETO ocupa-se dos recursos linguísticos usados para expressar sentimentos em termos de estados emocionais e/ou respostas a algo que gere emoções. JULGAMENTO, por outro lado, remete a como os falantes avaliam a si mesmos e aos outros tendo como parâmetro o comportamento social culturalmente estabelecido/esperado. Por fim, APRECIÇÃO engloba recursos interpessoais utilizados por falantes para expressar avaliações positivas e negativas de entidades, processos e fenômenos naturais.

PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos o percurso metodológico e a análise do corpus selecionado da obra. Nossa motivação em trabalhar com a tradução de Macbeth, de Pedro Bandeira, foi ela ser uma das que mais atraem o interesse do público em geral e por ela se mostrar mais adequada ao texto original (MARTINS & BRITTO, 2009). Escolhemos os atos I e V para esta análise, de forma a observar como os personagens se posicionam no discurso no início da obra e ao final, compreendendo a (re)construção dos personagens por meio dos recursos avaliativos.

Utilizamos o ferramental de análise, e também embasamento teórico, do sistema de avaliatividade, mais especificamente, do subsistema da atitude (MARTIN e WHITE,

2005) como explicitamos anteriormente. Serão analisadas falas avaliativas de outros personagens a respeito do casal Macbeth, assim como de um sobre o outro, em âmbito público (na presença de outros personagens) e privado (solilóquios e interações entre eles). Sendo assim, o alinhamento metodológico se dá com a pesquisa qualitativa (DENZIN e LINCOLN, 2006), por ser um estudo situado em teorias de bases sociais e interpretativas. Os passos seguidos para a análise da obra selecionada foram:

1. Leitura de Macbeth e delimitação dos atos I e V para análise da (re)construção dos personagens;
2. Seleção dos trechos textuais, nos quais recursos avaliativos são utilizados para expor o posicionamento dos personagens;
3. Análise dos recursos avaliativos à luz do sistema de avaliatividade, mais especificamente do subsistema da atitude (MARTIN e WHITE, 2005);
4. Discussão sobre as implicações dessa análise para o processo de ensino/aprendizagem de línguas tendo como ponto de partida textos de diferentes gêneros literários.

Sendo assim, passamos, a seguir, para a análise e discussão da (re)construção dos personagens nos atos I e V, a fim de gerar entendimentos sobre como os recursos linguísticos avaliativos constroem significados no texto presentes na obra.

ATO I

No ato I, começamos a acompanhar a história de Macbeth, que ao retornar da guerra junto com Banquo, encontra com bruxas pelo caminho. Elas profetizam, então, que Macbeth ganharia o título de Tane de Cawdor² e que, posteriormente, seria o novo rei da Escócia apesar do rei Duncan estar vivo. No primeiro trecho, em que um oficial fala a Duncan, é possível perceber uma valoração positiva em relação à Macbeth. O personagem é tratado como um bravo guerreiro. Há um **juízo positivo de estima social de capacidade**, pois Macbeth é considerado competente, merecedor de um

² Cargo equivalente a um general da mais alta confiança do rei.

nome³. Ele também é capaz de brincar com a sorte. Além disso, percebemos um **juízo positivo de estima social de tenacidade**, afinal pode-se contar com Macbeth, ele é um guerreiro de valor.

Cena I

Oficial

(...)

“O implacável Macdonwald – bem talhado
Para rebelde, pois de vilanias
Tão cumulado pela natureza –
Das ilhas de oeste recebeu reforço
De tropas irlandesas, e a Fortuna
Sorria-lhe à diabólica empreitada
Como rameira de soldado. Tudo
Debalde, pois **Macbeth (merece o nome),
Zombando da fortuna**, e com a brandida
Espada, fumegante da sangrenta
Carnificina, abre passagem como
O favorito do valor e enfrenta
O miserável. Sem lhe dar bons dias,
Descose-o de um só golpe desde o umbigo
Até às queixadas, **corta-lhe a cabeça,
Crava-a numa seteira.**”

No trecho abaixo, parte da cena 3 do ato I, é Macbeth quem tem voz. Com a primeira parte da profecia já realizada, Macbeth se torna Tane de Cawdor. Isso faz com que ele acredite ainda mais na profecia das bruxas de que logo será coroado rei. Contudo, ele sabe que para isso precisa tirar algumas pessoas do seu caminho. Percebemos, portanto, que o fato dele se tornar rei gera sentimentos contraditórios. O assassinato já se configura como projeto, o que lhe causa sentimentos ruins. Ele quer tanto ser rei a ponto de pensar em assassinar o rei Duncan, mesmo que isso seja uma “imagem pavorosa”. Sendo assim, há uma **apreciação por valorização da situação**, em que Macbeth questiona se tudo o que está passando valerá a pena e um **afeto autoral de insegurança**, que nos mostra a construção de outra imagem do personagem. Ele não é mais o bravo guerreiro, mas sim um homem que tem medo.

³ Apesar deste artigo não possuir a intenção de comparar o texto em português com seu original em inglês, acreditamos que o fato de Macbeth “merecer um nome” não pode passar despercebido. No original, há o adjetivo “brave”, omitido na versão de Manuel Bandeira, o que deixa mais claro o que Macbeth merece. A primeira vez que Macbeth é mencionado ele é merecedor de algo. Sendo assim, estamos falando sobre o valor dele.

Cena III

Macbeth

“Esta **insinuação sobrenatural**

Não pode ser má, não pode ser boa.

Se má, por que **certeza de sucesso**

Me dá esse começo de verdade?

Pois sou Tane de Cawdor. E **se boa**,

Por que assim **cedo à imagem pavorosa**

Que **os cabelos me erica e faz meu firme**

Coração palpitar contra às costelas,

Fora do que é normal na natureza?

Os temores presentes são mais fracos

Do que as horríveis imaginações.

Meu pensamento, onde o assassinio é ainda

Projeto apenas, move de tal sorte

A minha **simples condição humana,**

Que as faculdades se me paralisam

E nada existe mais senão aquilo

Que não existe.”

No terceiro trecho, retirado da cena 5 do ato I, Lady Macbeth ganha contorno. Ela começa seu solilóquio construindo Macbeth e, depois, passa a falar de si mesma. Inicialmente, há um **juízo negativo de estima social de capacidade**, em que Lady Macbeth explora as fraquezas de Macbeth (tua natureza, por demais cheia do leite e da ternura humana) para persuadi-lo a cometer a série de assassinatos que irão leva-lo ao trono. Lady Macbeth também usa o **afeto não autoral de satisfação** para falar sobre o desejo de Macbeth (Quererias ser grande. És ambicioso). Percebemos que falar das emoções do marido, é mais uma estratégia utilizada pela personagem para convencimento e persuasão. Além do juízo negativo, observamos a presença de um **juízo positivo de estima social de capacidade**, pois levando-se em consideração o contexto, “ambicioso” pode ser entendido como uma qualidade atribuída à Macbeth. Lady Macbeth também se refere ao marido como “grande”. Ao falar de si mesma, Lady Macbeth avalia si mesma como aquela que pode prover Macbeth de segurança por meio do **afeto autoral de segurança**.

Cena V

Lady Macbeth

“Glamis tu és e Cawdor; e hás de ser

O que te prometeram. Mas receio

A **tua natureza, por demais**

Cheia do leite e da ternura humana,

Para que tomes, resolutamente,
O caminho mais curto. **Quererias**
Ser grande. És ambicioso. Mas te falta
A malvadez que deve secundar-te.
A grandeza a que aspiras, desejaras
Obtê-la santamente. Não quiseras
Trapacear, e entretanto **gostarias**
De ganhar deslealmente. Ah, **grande Glamis,**
Queres o objeto que te grita “É assim
Que tens que agir”, caso **cobices tê-lo.**
E a ação que **temes de fazer, tu a temes**
Mais do que quererás não vê-la feita.
Vem depressa, que **eu verta** em teus ouvidos
A minha coragem, bata com o vigor
De minha língua tudo o que te aparta
Do círculo dourado com que a sorte
E a ajuda sobrenatural parecem
Querer te ver coroadado.”

ATO V

No ato I, início da peça, Macbeth é referido por outros personagens como o “nobre” e o “bravo”. No ato V, há uma grande virada em como o personagem é desenhado. No diálogo abaixo, retirado da cena II, é possível perceber que Macbeth deixa de ser o “bravo” e passa a ser reconhecido por más atitudes, pela sua loucura, o que fica evidenciado no **juízo negativo de estima social de normalidade** (tirano/louco). Além disso, observamos o **afeto não autoral de infelicidade**. “Odiar menos” mostra que, em geral, ele é odiado por todos de forma mais ou menos incisiva. Também, há uma atribuição de sentimentos à Macbeth, indicando que os outros personagens o veem como um homem atormentado por seus crimes.

Cena II

Menteith

E o que faz o **tirano**?

Caithness

(...)

Uns dizem que está **louco**;

outros, que **o odeiam menos**, a isto chamam

valente fúria (...)

Angus

(...) **Sente** agora

Picar-lhe as mãos os crimes cometidos

Secretamente; agora sucessivas
Revoltas de seus súditos lhe exprobram
A felonias; os que comanda
Movem-se à voz do mando, não do afeto.
Já agora está **sentindo que o seu título**

De rei lhe pende bambo na pessoa

Como no corpo de um ladrão nanico
A roupa de um gigante.

O personagem, no ato I, já demonstrava insegurança e afetos negativos em relação a seus próprios atos. Na cena III do ato V, temos um afeto autoral de insatisfação, mostrando Macbeth insatisfeito com o resultado de suas ações. Ele, portanto, se constrói Macbeth por meio de emoções negativas, o que indica um homem atormentado por seus crimes.

Cena III

Macbeth

(...) **me sinto mal**

Quando contemplo (...)

(...) o curso de meus anos chega
ao seu outono, e o que, na velha idade,
me fora companhia desejável

– **A honra, o afeto, obediência, amigos
não me é dado esperar: em lugar deles,
maldições é o que tenho, não ruidosas,
porém profundas, honraria apenas
da boca para fora, vãs lisonjas,
que o pobre coração bem gostaria
de recusar, mas não se atreve.**

Em relação à Lady Macbeth, na primeira cena do ato V, o médico utiliza uma **apreciação por composição de complexidade** para se referir à, então, rainha da Escócia. O coração de Lady Macbeth é valorado, de forma a mostrar sua condição fora do normal. Além disso, os atos de Lady Macbeth são avaliados para justificar sua condição. Contudo, na cena IX, observamos um **juízo negativo de estima social de normalidade**. Lady Macbeth é descrita como “diabólica”, ou seja, com um comportamento anormal ao que se espera de uma rainha.

Cena I

Médico

Que suspiro! **Um coração gravemente**

atormentado, o dela.

(...)

Terrível o que ouvimos! Quando **os atos violam a natureza**, eles produzem **desordens também contra a natureza**.

(...)

Cena IX

Malcolm

(...)

Reconduzir ao lar nossos amigos
Que, fugindo às ciladas do tirano,
Tiveram que passar-se ao estrangeiro;
Desembaraçar os pérfidos ministros
Do carniceiro morto e da **diabólica**
Rainha, que, ao que dizem, por suas próprias
Mãos se matou violentas (...)

Sendo assim, a análise dos recursos avaliativos indica uma evolução das personagens ao longo da peça e uma inversão de papéis. No primeiro ato encontramos uma Lady Macbeth que se coloca como “corajosa” e “destemida” ao passo que Macbeth se constrói de forma reticente. Outros personagens, por sua vez, se referem a Macbeth como o “nobre” e o “bravo”. No quinto ato, observamos uma reconstrução das personagens: Lady Macbeth torna-se a “louca” e Macbeth é aquele que possui uma “valente fúria”. Macbeth é construído por meio de avaliações negativas evidenciadas por meio do afeto e dos julgamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos a língua como uma construção multifacetada quando utilizada por seus usuários para cumprir uma gama de propósitos comunicacionais, abrangendo aspectos sociais e também políticos. Dito isto, o entendimento de qualquer manifestação linguística, incluindo obras literárias, requer uma familiaridade com as possibilidades da língua em questão. Os professores de línguas são, portanto, os responsáveis por despertar no aluno a consciência de que o uso efetivo da língua não deve se limitar a fatores gramaticais superficiais, sacrificando suas funções reais. Em vez disso, a agenda

profissional de um docente deve incluir, entre outros, um compromisso com o fazer crítico em qualquer atividade desenvolvida.

O presente estudo, como dito anteriormente, busca apresentar o potencial do sistema de avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005), uma extensão da Linguística Sistêmico Funcional, como possibilidade de promover o letramento literário crítico. Sendo uma dentre as diversas possibilidades, a teoria desenvolvida pelos autores supracitados ressalta o aspecto interpessoal da comunicação, despertando nos usuários uma postura ativa e crítica na construção de significados a partir do que é dito/lido.

Com base na análise apresentada, fazer com que os alunos assumam novas perspectivas ao terem contato com textos literários os torna conscientes de que não há interpretações essencialmente corretas ou incorretas. Pelo contrário: uma abordagem dessa natureza é, de certa forma, um convite para que possam refletir, opinar e ouvir as contribuições de seus pares. Tratar a obra literária dessa forma pode tornar a leitura mais significativa e real para os alunos, pois os envolve no processo de leitura e os faz perceber que suas próprias vidas e seus pontos de vista, mesmo que distintos, são parte integrante do processo de leitura e interpretação.

Além disso, quando usado criticamente no contexto escolar, o sistema de avaliatividade permite aos alunos ultrapassar os níveis literais do texto. Eles interpretam, fazem conexões, desfrutam e inferem sobre o que leem, pois, de fato, estão envolvidos no processo. A leitura crítica, enquanto atividade pedagógica, dá aos alunos a oportunidade de relatar seus próprios “insights” e interagir com o texto, o que, conseqüentemente, os torna falantes e leitores mais proficientes.

Incluir a literatura em salas de aula de línguas, neste caso, visa desenvolver nos alunos habilidades que dizem respeito ao pensamento crítico, ao linguístico e à autonomia, ressaltando seus papéis sociais de aprendizes e cidadãos mais atentos ao cenário intra/extraclasses. A literatura, ressaltamos, deve realmente ter um lugar de protagonismo na sala de aula, uma vez que permite a interação na língua alvo, apresenta possibilidades de uso da língua e introduz fatores socioculturais nas atividades pedagógicas.

Em suma, este artigo pretende contribuir para o ensino de língua inglesa, repensando o papel da literatura no contexto escolar. Com isso, salientamos que, ao invés de focalizar primariamente no caráter formal da língua, sua aprendizagem deve centrar-se nos significados das construções linguísticas conferidas nos textos lidos. Dessa maneira, a integração da literatura no ensino de língua inglesa fará com que os

alunos descubram novos aspectos da língua estudada, aprofundando-se, entre outros, nos significados criados via discurso literário.

REFERÊNCIAS

ASIMOV, I. **Asimov's guide to Shakespeare**. Vol. 2. New York: Gramercy, 1970.

BLOOM, H. **Shakespeare: the invention of the human**. New York: Riverhead, 1998.

BURGESS, A. **Shakespeare**. New York: Carrol & Graff, 1970.

CLARK, S.; MASON, P. (Eds.) **Macbeth**. London: Bloomsbury, 2015.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. (2ªed.) São Paulo: Contexto, 2014.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. (2ª ed.). Porto Alegre: ARTMED, 2006.

EGGINS, S. **An introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2. ed. London; New York: Continuum, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. (2ª ed.). London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. (3ª ed.). Londres: Hodder Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. Linguistic Studies of Text and Discourse. Volume 2, in the **Collected Works of M.A.K. Halliday**. Edited by Jonathan J. Webster. London and New York: Continuum, 2002.

MARTIN, J. M.; ROSE, D. **Working with Discourse: meaning beyond the clause**. London; New York: Continuum, 2003.

MARTIN, J. M.; WHITE, P. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York: Palgrave, 2005.

MARTINS, M. A. P.; BRITTO, P. H. **O verso de Manuel Bandeira em sua tradução de Macbeth**. Scripta, n. 7, p. 133-150, 2009.

POLIDÓRIO, V.; VIEIRA, M.A. **Leitura de Macbeth nas aulas de língua inglesa no ensino médio: uma experiência em sala de aula**. Acta Scientiarum. Education. Maringá, v. 38, n. 1, p. 81-91, Jan.-Mar., 2016.

POLIDÓRIO, V. **The use of literature in the English teaching**. Cascavel, PR: Coluna do Saber, 2004.

SHAKESPEARE, W. **Macbeth**. London: Penguin, 1994.

SHAKESPEARE, W. **Macbeth**. Trad. Manuel Bandeira. São Paulo, Brasiliense, 1989.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2003.

OS AUTORES

Odete Firmino Alhadass Salgado é Mestre em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014) e graduada em Letras pela mesma instituição (2011). Atualmente, cursa Doutorado em Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro com bolsa de fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Sua pesquisa se insere no âmbito da Linguística Aplicada com o embasamento teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, trabalhando em interface com os estudos literários.

E-mail: odete.lettras@gmail.com

Renan Silva da Piedade é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PUC-RIO), na linha de pesquisa Discurso, vida social e práticas profissionais com bolsa concedida pela CAPES. Licenciado em Letras (Português/Inglês) pela mesma instituição. Atualmente, é membro do grupo de pesquisa Análise Literária e Sistêmico Funcional (ALESF/CNPq). Suas áreas de interesse compreendem estudos em Linguística Aplicada, Prática Exploratória e Análise do Discurso.

E-mail: renan-br@hotmail.com

Hugo Taam Dart é Especialista em Língua Inglesa (PUC-RIO) e graduado em Direito (UFRJ) e em Letras - Português/Inglês (Universidade Estácio de Sá). Professor de inglês do IBEU - Instituto Brasil-Estados Unidos desde 2010, e integrante da diretoria do Special Interest Group (SIG) de Educação Linguística Intercultural do Braz- TESOL. Seus trabalhos profissionais no teatro incluíram a tradução de Macbeth apresentada em temporada no Teatro Ipanema (Rio de Janeiro), com direção de Brunno Rodrigues, em 2009.

E-mail: hugo.dart@gmail.com

Amanda Fiorani Barreto é Graduanda em Letras (Licenciatura Português/Inglês e suas respectivas Literaturas e Tradução Inglês/Português) pela PUC-RIO. Suas áreas de interesse compreendem estudos em Linguística Aplicada, em Literatura e em Teatro.

E-mail: af_barreto@hotmail.com